

Avelino Soares Belo

Avelino Soares Belo

Marta Galvão Lucas

Doutoranda em Escultura, PhD Fellow in Sculpture, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 4. 1249-058 Lisboa, Portugal, marta.lucas@edu.ulisboa.pt, <https://orcid.org/0000-0002-5748-5710>, bolsreira FCT/VICARTE: ref. UI/BD/152288/2021

Resumo

O artigo que se segue e a investigação que está na sua base foram desenvolvidos no âmbito do doutoramento teórico-prático em escultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, cujo projecto de investigação tem o título “Flora Caldense: Moldes Directos de Plantas da Indústria da Cerâmica Artística de Caldas da Rainha”. O projecto parte de um lote de moldes antigos comprado a uma fábrica caldense e ao qual pertencem moldes já identificados como sendo da autoria de Avelino Soares Belo.

Avelino António Soares Belo (1872-1927) foi um dos protagonistas da Cerâmica Artística de Caldas da Rainha durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Modelador e louceiro-formista de formação, foi operário da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha (FFCR), sob a direcção artística de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905). Após a sua saída da FFCR, colaborou ainda com algumas fábricas e com o Atelier Cerâmico do Visconde de Sacavém, sob a direcção artística de Josef Füller (1861-1927), antes de estabelecer atelier próprio em 1899.

Abstract

The following paper and the research that preceded it were developed as part of an ongoing PhD in Sculpture at the Fine Arts Faculty of the University of Lisbon. The PhD project is titled “Flora caldense: Life-cast Molds of Plants from the Artistic Ceramic Industry of Caldas da Rainha”. It’s starting point is a group of old molds bought from a factory established in Caldas da Rainha, some of which have been identified as having been made by Avelino Soares Belo.

Avelino António Soares Belo (1872-1927) was one of the protagonists of the Artistic Ceramics of Caldas da Rainha during the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century. Avelino studied as a modeller and as an industrial pottery / ceramic worker and mold maker and was initially a worker at the “Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha” (Caldas da Rainha Earthenware Factory) (FFCR), under the artistic direction of Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905). After leaving FFCR, Avelino worked for several factories and for the “Atelier Cerâmico” (Ceramic Studio) of the Viscount of Sacavém, under the artistic direction of Josef Füller (1861-1927), before founding his own studio in 1899.

Palavras chave

Avelino Soares Belo; modelador; cerâmica caldense; indústria cerâmica; cerâmica.

Keywords

Avelino Soares Belo; modeller; Caldas da Rainha ceramics; ceramic industry; ceramics.

Introdução

Este artigo foi escrito e é apresentado no desenvolvimento do projecto de investigação artística intitulado “Flora Caldense: Moldes Directos de Plantas da Indústria da Cerâmica Artística de Caldas da Rainha”¹, proposto no âmbito do doutoramento teórico-prático em escultura em curso. O projecto parte de um lote de moldes que comprei a uma fábrica caldense que, por sua vez, os terá adquirido a outras fábricas locais. Desse acervo, decidi «deslocar» para a minha prática escultórica e para o referido projecto o conjunto de moldes directos de plantas que o integram. Ao pretender que essa recuperação não fosse apenas formal, considerei que seria essencial contextualizar esses moldes, nomeadamente, tentando identificar a sua autoria e a sua datação. Partindo da hipótese, entretanto confirmada, de que um dos autores representados no acervo seria Avelino Soares Belo, parti para a procura de informação sobre a sua obra. Confrontada com a escassez da informação publicada, mas que apontava desde logo para um percurso de vida diversificado e fértil, optei por aliar à comparação iconográfica (dos moldes com obras existentes e acessíveis em coleções públicas) a investigação sobre a biografia do autor, recorrendo a documentação primária e secundária encontrada em diversos arquivos e junto da sua família².

Avelino António Soares Belo (1872-1927) foi uma das figuras que se destacou na chamada Cerâmica Artística da Indústria de Caldas da Rainha no período que abrange a segunda metade do século XIX e o primeiro quartel do século XX. No entanto, a sua obra é pouco conhecida e as referências a ela a ou à sua pessoa surgem, na maioria das vezes³, integrando obras generalistas, dedicadas

1 - Ao projecto foi atribuída uma bolsa de investigação da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia ao abrigo de protocolo com a VICARTE - Unidade de I&D Vidro e Cerâmica para as Artes (ref. UI/BD/152288/2021).

2 - Cheguei ao contacto com Ana Nascimento, bisneta de Avelino Soares Belo, através de indicação de Cláudia Freire, investigadora do Museu Bordalo Pinheiro.

3 - Exceptuando alguns artigos em periódicos.

à cerâmica portuguesa ou à cerâmica caldense, ou monografias dedicadas àqueles com quem trabalhou enquanto modelador, seja Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), enquanto director artístico da Fábrica de Faianças das⁴ Caldas da Rainha (FFCR), seja o Atelier Cerâmico do Visconde de Sacavém, sob direcção artística de Josef Füller (1861-1927).

Tendo concluído os três níveis do curso industrial de louceiro formista, Avelino Belo destacou-se inicialmente como modelador, tanto enquanto operário, como quando trabalhava por empreitada. Mas por conta própria, a juntar a esse ofício, era também oleiro e esmaltador, como fazia questão de incluir numa das marcas que utilizou.

Se é certo que o processo cerâmico obriga a diferentes saberes, normalmente repartidos por diferentes ofícios – os de modelador, formista, louceiro, pintor, vidrador, forneiro –, é também possível encontrar-se quem os reúna a todos e a eles acrescente a propensão para a investigação e para a experimentação, como é o caso de Avelino Belo.

1.

ARTISTAS E ARTEZANOS. Nos felices climas, aonde muitos annos há, que as Bellas-Artes filhas do Desenho e outras, que tem mais de mental, que de material, largarão as mantilhas, fazem differença de Artistas e Artexanos. Aos primeiros chamão Artistas, mesmo para distinguilos dos Artexanos, deixando esta última nomenclatura aos que exercitão officios fabris, e embandeirados. Por tanto errão na linguagem as pessoas, que estes nomes confundem. Isto na verdade he questão de nome: porem o espirito humano he tão limitado, que aquelles a quem qualquer minima distincção pertence, fazem esforços para não perdella. (Castro, 1937, p. 28)

4 - Apesar de incorrecta a utilização do prefixo “das” em “das Caldas da Rainha”, manteremos o mesmo sempre que seja utilizado no texto original.



Figura 1. Fotografia dos aprendizes e do director artístico da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha em 1888 (fragmento).
Fonte: Museu Bordalo Pinheiro / EGEAC (nº de inventário MRBP.FOT.0104).

Nasci a 19 de Janeiro de 1872, na freguesia da Murtosa, concelho de Estarreja⁵, distrito de Aveiro, e pertenço à família de padeiras de Pardelhas, mais conhecidas pelas “Traças”, e dos Belos desta freguesia. Meu pai chamava-se Manuel Soares Belo e minha mãe Rosa Valente de Almeida, residente na Praça de Pardelhas, onde exercia a profissão de padeira; meu pai era pescador na lagoa de Óbidos. (Belo, citado por Gutierrez, 1972)⁶

Avelino António Soares Belo, também conhecido por Avelino Soares Belo, ou Avelino Belo, nasceu em 19 de Janeiro de 1872, filho de Manuel Soares Belo e Rosa Valente de Almeida. Aos 11 anos de idade, depois da morte da sua mãe, juntou-se a seu pai na Lagoa de Óbidos, onde este pretendia que o filho o ajudasse no seu ofício de pescador. Mas Avelino resistia à vontade do pai e, só após os episódios que a seguir se relatam, este terá desistido da sua intenção.

5 - A freguesia pertence actualmente ao concelho de Murtosa.

6 - José Gutierrez começa com esta citação o artigo que escreve para o Jornal o Século no centenário do nascimento de Avelino Belo.

José Gutierrez, no artigo que escreve no centenário do nascimento de Avelino Belo para o *Jornal o Século*⁷, refere que o médico José Filipe de Andrade Rebelo, que viria a ser director do Hospital Termal de Caldas da Rainha, em passeio pela Foz do Arelho, terá visto Avelino a desenhar junto ao mar. Surpreendido com a sua destreza, terá pedido para ver mais desenhos ao pai, que entretanto se aproximara. Manuel Belo aceitou e, com os desenhos que lhe trouxe na mão, o médico fez uma visita ao seu amigo Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905). Ao ver os desenhos, Bordalo Pinheiro terá exclamado: “Está aqui um artista! Traga-me o rapaz”. Mas Manuel Belo não terá autorizado e, em consequência, Avelino foge para Lisboa (Gutierrez, 1972).

Rafael Bordalo Pinheiro, que tinha iniciado a sua aventura caldense com as experiências que fez na fábrica de Francisco Gomes de Avelar em Abril e Maio de 1884 (França, 2007, p. 253), seria, possivelmente, à data destes factos, já o director artístico da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha (FFCR) (Serra, 1987, p. 7). De acordo com os estatutos da companhia, datados de Agosto do mesmo ano, a Rafael é atribuída a direcção artística, enquanto que o seu irmão, Feliciano Bordalo Pinheiro, é nomeado gerente (Serra, 1991, p. 41). O departamento de materiais de construção começa a laborar em Setembro de 1884 e o de louça artística em Junho de 1885. Avelino irá ingressar na fábrica após um familiar que o encontra em Lisboa o trazer de volta ao seu pai e este, desistindo do seu desígnio, aceitar finalmente a sugestão de Bordalo.

7 - Estes episódios são referidos por vários autores. Dá-se preferência a Gutierrez, por ter sido o primeiro a eles se referir. Apesar de nenhum dos autores indicar a fonte, podemos confirmar toda a informação com Ana Nascimento, incluindo a citação de Avelino Belo transcrita por Gutierrez, que consta de documento pertencente ao arquivo familiar.

2.

18 de Outubro de 1886 dei começo
 } 10 anos Discípulo de R.B.P.
 21 de Novembro de 1896 dei fim

A inscrição acima transcrita surge no Livro de Empreitadas mantido por Avelino Belo, também referido como Diário, em entrada referente à semana de 15 a 21 de Novembro de 1896.

A data de 18 de Outubro de 1886 é apontada por Julieta Ferrão (1899-1975), segunda directora do Museu Bordalo Pinheiro (Lisboa), em manuscrito intitulado “Notas de Avelino Belo”, como data de entrada de Avelino na FFCR. O documento, com a indicação inicial “Do livro de assentamento das férias”, deverá ter tido como fonte o Livro de Empreitadas⁸.

Precisamente um ano mais tarde, em 18 de Outubro de 1887, com 15 anos, Avelino Belo matricula-se na Escola Industrial Rainha D. Leonor, em Caldas da Rainha, no primeiro ano do curso de louceiro formista (Livro de Matrículas nº 1, p. 11). Na classe elementar, frequenta as disciplinas de Desenho geral e Desenho ornamental, e matricula-se igualmente nas disciplinas de Matemática e Química.

A Escola de Desenho Industrial Rainha D. Leonor, inicialmente denominada Escola de Desenho Industrial de Caldas da Rainha, surge com a instituição das escolas de desenho industrial em decreto datado de Janeiro de 1884. A escola começa a funcionar em Janeiro de 1885 (Benevides,

8 - Julieta Ferrão escreve: “Avelino Belo entrou para a fábrica de FCR em 18 de Outubro de 1886 e saiu em 21 de Novembro de 1896 – 10 anos discípulo de Rafael Bordalo Pinheiro”, Museu Bordalo Pinheiro, nº de inventário MRBP. ESP.DOC.0176.



Figura 2. Fotografia aplicada em cartão com legenda impressa e inscrições manuscritas. Fonte: Museu Bordalo Pinheiro / EGEAC (nº de inventário MRBP.FOT.0104)

1885, p. 12). Os cursos diurnos eram destinados aos alunos dos 6 aos 12 anos, os nocturnos, a alunos com idade superior a 12 anos (Serra, 1987, p. 10). Apesar de as oficinas práticas da circunscrição sul só terem sido inauguradas em 1887, em Caldas da Rainha, desde o início, os alunos faziam trabalhos de modelação o que, segundo Francisco Benevides, inspector das Escolas Industriais, que redige o relatório aqui citado, “se harmonisa com a indole das industrias ceramicas especiaes da localidade, satisfazendo também o desejo de alguns alumnos, entre os quaes havia operários de fabricas de louça, que já tinham algumas noções d’este genero de trabalho” (Benevides, 1886, p. 8).

No caso da escola Rainha D. Leonor, é inaugurada em 7 de Fevereiro de 1887 uma oficina de cerâmica. Não obstante, a partir deste mesmo ano, através de protocolo firmado entre o Governo e a FFCR, as aulas práticas começam a ser leccionadas nas instalações desta fábrica e os seus

alunos passam a ser aí aceites como aprendizes, recebendo o respectivo salário a partir dos seis meses de entrada ao serviço (Benevides, 1888, p. 37). No ano lectivo de 1887-1888, “foram vinte e dois os alunos da escola que (...) receberam ensino prático e profissional na fábrica de faianças, dos quaes vinte eram já anteriormente aprendizes da fábrica” (Benevides, idem).

A Fig. 2 apresenta a foto da Fig. 1 tal como está aplicada em cartolina onde se pode ler a legenda: “FÁBRICA DE FAIANÇAS DA COMPANHIA DAS CALDAS DA RAINHA / FUNDADA EM 1884 / GRUPO DE BORDALO PINHEIRO COM PARTE DO SEU PESSOAL MENOR (APRENDIZES) / TIRADA EM 1888”⁹.

9 - O Museu Bordalo Pinheiro possui outro documento semelhante – com foto de grupo montada em cartolina

Na foto, dois algarismos destacam dois aprendizes, Avelino Belo, com o número “5”, e Francisco Elias, com o número “8”, também os únicos identificados como modeladores. Em 1888, data apontada na legenda, e nos anos seguintes, ambos frequentam a escola industrial com bons resultados e são por várias vezes distinguidos com prémios, comumente atribuídos no final de cada ano lectivo. Nas instruções e regulamento das cadeiras das escolas industriais é definido que “Aos mais distintos dos alumnos aprovados, com 15 ou mais valores, serão conferidos prémios pecuniários” (Benevides, 1885b, p. 3).

Avelino será distinguido no ano lectivo de 1887-1888 em “Desenho elementar à vista a claro-escuro” (Benevides, 1888, p. 52), em 1888-1889, com dois prémios, um em “Modelação” e outro em “Trabalhos de cerâmica na fábrica de faianças” (Benevides, 1890, pp. 41-42), e em 1889-1890, novamente em “Trabalhos de cerâmica na fábrica de faianças” (Benevides, 1891, p. 40). Francisco Elias é distinguido com os mesmos três últimos prémios (Benevides, idem).

Em 1889-1890, à semelhança de Francisco Elias, Avelino Belo conclui o 3º grau de louceiro formista com a nota de 18 valores. Mas, numa atitude que o distingue de Elias, Avelino regressará à escola industrial em 1891-1892 inscrevendo-se em “modelação em barro como alumno voluntário” (Livro de Matrículas nº 1, p. 103).

Além de serem ambos alunos dedicados, Avelino Belo e Francisco Elias serão os modeladores a quem Rafael Bordalo Pinheiro irá incumbir as mais importantes peças durante o período que colaboram com a FFCR.

3.

No livro que dedica a Rafael Bordalo Pinheiro, José Augusto França destaca as “grandes peças decorativas” que Bordalo cria entre 1889 e 1899, período em que, segundo diz, “Foi

com legenda impressa e dedicatória de Avelino Belo – mas retratando, como consta da legenda, “BORDALO PINHEIRO E O SEU PESSOAL MAIOR (MESTRES E ALGUNS OFICIAIS)” (nº de inventário MRBP.FOT.0182).

então que, após tanto prato e tanto vaso decorado, Rafael Bordalo se abalçou a outro tipo de criação mais original e mais ousado” (França, 2007, p. 260).

As peças que França começa por destacar são a talha manuelina (1892) e a jarra Beethoven (1895) (França, 2007, pp. 260-262). Em ambos os casos, Avelino Belo participou da modelação. Algumas páginas antes, ao enumerar os colaboradores de Bordalo, França refere Francisco Elias e Avelino Soares Belo, escrevendo sobre Avelino que este “havia de se zangar com o mestre e o satirizar, mas que participou na realização da famosa jarra Beethoven” (França, 2007, p. 255).

Se ambas as peças impressionam pela escala (a sua altura é de c. 2,30 metros) e pelo virtuosismo da modelação, é a jarra Beethoven que será mais comentada à época, entre outros aspectos, pelas circunstâncias à volta da sua produção e da sua viagem para o Brasil, onde se encontra ainda hoje. França dedica a ela vários parágrafos, onde inclui citações de outros autores, entre eles, Eduardo Salomonde que escreve, quando a peça chega ao Brasil em 1899: “a fantasia do escultor extravasa-se, tumultua, redemoinha” (citado em França, 2007, p. 262).

Os dois modeladores terão tido um papel fundamental na realização da jarra. No entanto, apesar de mencionar e elogiar em entrevistas outros operários da fábrica que nela também colaboraram, Bordalo não terá feito qualquer menção a Avelino ou Francisco Elias. É Gutierrez que diz: “esquecera Belo e Elias, que haviam transposto para a argila o seu traço magistral. Esquecera ou não pudera fazê-lo. Saíra do País como modelador da peça, o que, em boa verdade, parece não ter acontecido, pelo menos na sua maior parte, que fora obra dos dois alunos mais cotados” (Gutierrez, 1972). Terá sido no seguimento deste episódio que Avelino Belo deixa a FFCR.

4.

Após a saída da FFCR, Avelino Belo terá colaborado com o Atelier Cerâmico do Visconde de Sacavém e outras fábricas caldenses e nacionais antes de se estabelecer por conta própria.

José Joaquim Pinto da Silva (1863-1928), 2º Visconde de Sacavém, estabelece em 1892 o seu Atelier Cerâmico na quinta que possuía em Caldas da Rainha, onde havia mandado construir o palacete que hoje alberga o Museu da Cerâmica. Para a direcção artística, convida o escultor vienense Josef Füller, que na altura leccionava na Escola Industrial Jácome Ratton, em Tomar. Ao saber que Avelino estava desempregado, ter-lhe-á oferecido sociedade (Gutierrez, 1972).

O atelier foi transferido para Lisboa em 1896, o que leva a crer que a participação de Belo tenha sido de muito curta duração, uma vez que, como indicado acima, este dá 21 de Novembro de 1896 como data do fim da sua colaboração com Rafael Bordalo Pinheiro. No entanto, Gutierrez refere que Avelino Belo só terá saído um ano depois do convite feito pelo Visconde, e que o terá feito por este não ter respeitado o contrato, não dividindo os lucros com Avelino (Gutierrez, 1972).

Nas notas já citadas de Julieta Ferrão, surge a indicação de que Avelino Belo terá trabalhado para L.Neves em 1896 e para a fábrica A.B. Coelho em 1897, assim como para a Fábrica de S. Joaquim Pinto de Almeida, no Porto, em 1898. Será possível que Avelino não tenha sido operário destas fábricas mas que tenha feito para elas trabalhos pontuais de modelação e moldes, trabalhando por empreitada, como é o caso de uma “encomenda de modelação de originais e de produção dos respectivos moldes” que faz para a fábrica do Porto (Sousa, 2000).

Em documento pertencente ao arquivo da família de Avelino Belo, numa declaração em papel timbrado datada de 6 de Março de 1914 e assinada por Eduardo Gonçalves Neves, primeiro director da Escola Industrial, este atesta que Avelino esteve ao seu serviço “nas oficinas de uma fábrica de louça chamada das Caldas e de faiança que possui nos anos de 1896 a 1898, como modelador e louceiro formista, e se desempenhou sempre do seu cargo com proficiência e inteligente actividade” (Neves, 1914).

5.

Segundo José Queirós, Avelino Belo terá fundado a “sua pequena oficina” em 8 de Janeiro de 1899 (Queirós, 1948). No I Volume da obra de referência “Cerâmica Portuguesa”, na listagem de fábricas por proprietários que surge no final do capítulo dedicado às fábricas de Caldas da Rainha, Juncal e Alcobaça, na entrada “Avelino António Soares Belo – Oficina Cerâmica” lê-se: “A fundação desta pequena fábrica data de 1899. (...) A sua pequena oficina foi fundada em 8 de Janeiro de 1899”. Apesar de na mesma obra surgirem datas contraditórias, a referência ao ano de 1899 é confirmada em diversos documentos.

Em anúncio da Fábrica Avelino Belo publicado no Jornal O Defensor de Fevereiro de 1914, surge a referência: “Fábrica fundada em 1899”. Também num fragmento de envelope timbrado, que não está datado, mas que será anterior pois apresenta a marca com uma esfera armilar usada inicialmente por Avelino, surge logo abaixo desta: “Com Atelier Cerâmico fundado em 1899”. A referência surge igualmente em papel timbrado posterior, já com a denominação de “Avelino Belo & Filhos, Lda”, onde se repete a expressão “Atelier Cerâmico” acima da indicação “Fundado em 1899”.

Para além da data, foi possível encontrar também referência ao espaço da oficina, como é o caso do testemunho dado por A. Lemos num folheto datado de 9 de Outubro de 1901. Nele, Lemos descreve a visita que faz à oficina de Belo e fala do “seu modo delicado e attencioso e a sua muita modéstia”. E refere: “N’um atelier pequeníssimo, com um forno também pequeno, é um prazer vê-lo trabalhar, cheio de ideias de glória, ao lado da sua companheira, única operária que o ajuda na execução dos seus trabalhos” (Lemos, 1901). Já não em testemunho directo, diz Gutierrez sobre o mesmo período: “Não é já apenas o modelador das peças das Faianças¹⁰, mas o operário completo, que prepara o

10 - “Faianças” era outro nome dado localmente à Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha.

barro e os vidros, que trabalha a pasta na roda, que modela e enforma, que acaba e coze as peças, enfim, que pinta e vidra os seus modelos” (Gutierrez, 1972). Na já referida esfera armilar que usa inicialmente como marca, é o próprio Avelino que inclui, entre o seu nome (Avelino António Soares Bello) e a indicação geográfica (Caldas da Rainha, Portugal), a expressão “oleiro, modelador e esmaltador”.

6.

Logo em 1900, Avelino é distinguido com menção honrosa na Exposição Universal de Paris, pela medalha comemorativa que fez para o “4º Centenário da Descoberta da Índia”. Em 1901, é distinguido com medalha de prata na exposição do Palácio de Cristal do Porto. Uma das suas peças mais conhecidas, a chamada “Bilha Boer”, será deste ano. Também deste período é o busto que fez de Bordalo Pinheiro e, possivelmente, aquele que fez de Luís de Camões e que pertence hoje ao Museu Bordalo Pinheiro.

Ao mesmo tempo, Avelino Belo dedica-se à investigação. Vários autores referem o livro, ou estudo, que terá dedicado aos primeiros ceramistas caldenses e a aspectos técnicos da cerâmica. Rafael Salinas Calado, no texto de introdução ao catálogo da importante exposição retrospectiva dedicada à cerâmica caldense em 1977, Expo Caldas 77, refere a pesquisa que Avelino Belo terá feito no Arquivo do Hospital Rainha D. Leonor (Hospital Termal). E cita o próprio Belo no seguinte trecho: “Avelino Belo, em pesquisas que fez no mesmo Arquivo, tomou notas que o levaram a afirmar que «os fornos das Caldas datam de 1488 e que os primeiros oleiros desse tempo foram Vicente Annes, Alvaro Annes e Francisco Lopes»” (Calado, 1977, p. 8). Apesar de não indicar a fonte da citação, em “Documentação e influências” é listado o “Manuscrito com desenhos sobre história da cerâmica, por Avelino Belo” (Calado, 1977, p. 18). Também Marshall P. Katz diz que Avelino Belo “começou a escrever um livro sobre a evolução da cerâmica nas Caldas da Rainha e modos de aperfeiçoar a composição do barro, cores e vidrados”, mas que o terá deixado por terminar, à data da sua morte (Katz, 1999, p. 108 e 109). Apesar destas referências e do acesso ao arquivo familiar, não foi ainda possível localizar esta obra.

7.

A oficina, a que Avelino chama inicialmente Atelier Cerâmico, passará consecutivamente a Fábrica Avelino Belo e a Fábrica de Faianças Artísticas Avelino Belo. Em 1923, funda a sociedade industrial e comercial “Avelino Belo & Filhos, Lda”. Os filhos são Beatriz e José, que trabalham desde novos com os pais. José Belo irá deixar a sociedade por desentendimentos com o pai, mas voltará à fábrica após a morte deste, em 1927, altura em que assume a sua direcção, com os oito operários que estavam ao serviço.

José Queirós, na obra já citada, diz de Avelino Belo que “modela com habilidade e tem produzido valiosas peças de faiança.” (Queirós, 1948). Também João Bonifácio Serra escreve palavras elogiosas. Referindo-se às fábricas que laboravam após a morte de Rafael Bordalo Pinheiro, e com a FFCR já nas mãos de Godinho Leal e a sua direcção artística a cargo do escultor Costa Motta Sobrinho, diz:

Das restantes fábricas caldenses existentes no primeiro quartel do século XX, apenas uma delas terá procurado disputar às duas anteriores [a FFCR na sua segunda fase e a fábrica fundada por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro em homenagem a seu pai] o consumidor mais exigente: a de Avelino Soares Belo, um dos ceramistas de mais diversificados recursos saídos da «escola» de Rafael. Enquanto os outros fabricantes tendiam a operar uma espécie de simplificação e adaptação a uma leitura mais imediata das propostas de Bordalo, Avelino Belo imprimiu à sua faiança uma imaginação e desenvoltura superiores, conferindo ao seu trabalho um cunho experimentalista de resultados por vezes surpreendentes. (Serra, 1991, p. 134).

Conclusão

Se tivesse seguido as pegadas dos pais, Avelino Soares Belo poderia ter sido padeiro ou pescador. Mas gostava de desenhar. E por desejo próprio estudou desenho e modelação, instrução que lhe permitiu exercer os ofícios de modelador e de louceiro-formista em diversas fábricas. Por conta própria, afirmava que era “oleiro, modelador e

esmaltador”. Talvez tenha sido também escultor, quando fazia medalhística, ou quando fez bustos de figuras que admirava. Com a passagem do seu atelier a fábrica, poderá dizer-se que passou a ser seu director técnico e artístico. E foi, portanto, também empresário, como muitos que enveredam pela área da cerâmica. Assim como terá sido investigador, apesar de se conhecerem até ao momento apenas notícias das suas investigações. Tudo isto, como refere Machado de Castro no seu Dicionário de Escultura, na entrada citada no início deste artigo, será “questão de nome”.

Ainda que o seu papel na chamada Cerâmica Artística de Caldas da Rainha seja reconhecido por diversos autores, a obra de Avelino Belo está ainda por estudar, e por divulgar. Aqui, tentou-se apresentar um resumo da sua vida e percurso profissional, reunindo, após confirmação e clarificação das fontes, alguma informação já publicada e acrescentando-lhe novos dados encontrados em documentos oficiais e/ou junto da família.

O interesse da obra e do percurso de Avelino Belo serão suficientes para justificar a sua investigação e divulgação. No entanto, ao pretender recuperar e integrar na minha prática escultórica moldes por ele realizados, considero estar obrigada não só a reconhecer o seu papel neste projecto, como a contextualizá-lo. Porque acredito que a cerâmica, e a escultura, não é feita apenas de obras e de autores, mas também de processos e de trabalho colectivo.

Agradecimentos

Alexandra Baixinho, Ana Nascimento, Cláudia Freire, Filomena Oliveira, Maria de Fátima Ribeiro, Maria do Céu Santos, Nicole Costa, Olga Duarte e Susana Villar.

Referências

AAVV, 1999. Atelier Cerâmico Visconde de Sacavém Caldas da Rainha (1892-1896), Instituto Português dos Museus / Museu da Cerâmica, Lisboa / Caldas da Rainha.

AAVV, 2019. Biblioteca de um ceramista industrial (1880-1980), Projeto CP2S – Cerâmica, Património e Produto Sustentável: do ensino à indústria, ESAD-CR, Caldas da Rainha. disponível em versão digital:

<https://sites.ipleiria.pt/projetocp2s/category/exposicoes/biblioteca-de-um-ceramista-industrial-1880-1980/>

Belo, A. S., 1895-99. Livro de Empreitadas, manuscrito (disponível no Centro de Documentação do Museu da Cerâmica - Caldas da Rainha).

Benevides, F. F., 1885. Relatório sobre as escolas industriais e de desenho industrial da circumscrição do Sul, Direcção Geral do Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.

Benevides, F. F., 1885b. Instruções, Regulamento e Programa das Cadeiras, 7 de Abril de 1885, (encarte) em: Benevides, F. F., 1885. Relatório sobre as escolas industriais e de desenho industrial da circumscrição do Sul, Direcção Geral do Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.

Benevides, F. F., 1886. Relatório sobre as escolas industriais e de desenho industrial da circumscrição do Sul, Direcção Geral do Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.

Benevides, F. F., 1888. Relatório sobre as escolas industriais e de desenho industrial da circumscrição do Sul, Direcção Geral do Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.

Benevides, F. F., 1890. Relatório sobre as escolas industriais e de desenho industrial da circumscrição do Sul, Direcção Geral do Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.

Benevides, F. F., 1891. Relatório sobre as escolas industriais e de desenho industrial da circumscrição do Sul, Direcção Geral do Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.

Calado, R. S., 1977. Introdução, in AAVV, Expo Caldas 77, Museu Malhoa, Caldas da Rainha.

Castro, J. M., 1937. Dicionário de Escultura, Livraria Coelho (Depositário), Lisboa.

Eco, U., 1988. Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas, Editorial Presença, Lisboa (4ª edição portuguesa).

Ferrão, J., s/ data. Notas de Avelino Belo, manuscrito, Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa (nº de inventário MRBP. ESP.DOC.0176).

França, J. A., 2007. Rafael Bordalo Pinheiro: O Português Tal e Qual, Livros Horizonte, Lisboa (3ª edição).

Gutierrez, J., 1972. Da Murtosa às Caldas da Rainha: Nasceu há cem anos o ceramista Avelino Soares Belo, *Jornal o Século* Ano 92º Nº 32238, 19-1-1972, pp. 11-14, Lisboa.

Katz, M. P., 1999. Cerâmica das Caldas da Rainha: Estilo Palissy 1853-1920, Edições INAPA, Lisboa.

Lemos, A., 1901. A Bilha Boer, folheto-desdobrável, disponível no Centro de Documentação do Museu da Cerâmica - Caldas da Rainha.

Livro de Exames nº 1, 1885 a 1934. Escola de Desenho Industrial Rainha D. Leonor (actual Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro), Caldas da Rainha.

Livro de Matrículas nº 1, 1884 a 1901. Escola de Desenho Industrial Rainha D. Leonor (actual Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro), Caldas da Rainha.

Neves, E. G., 1914. Declaração manuscrita em papel timbrado datada de 6 de Março de 1914, arquivo familiar de Ana Nascimento (bisneta de Avelino Soares Belo), Caldas da Rainha.

Queirós, J., 1948. A Cerâmica Portuguesa, 2 volumes, Oficina Gráfica, Lisboa (1ª ed. 1907).

Serra, J. B., 1987. Cerâmica e Ceramistas Caldenses da segunda metade do século XIX, Cencal - Centro Protocolar de Formação Profissional das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha.

Serra, J. B., 1991. Arte e indústria na cerâmica caldense (1853-1977), PH - Património Histórico, Grupo de Estudos da casa da Cultura das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha.

Sousa, A. M., 2000. *Gazeta das Caldas* Ano LXXIV N° 4295, 14-7-2000, p. 48, Caldas da Rainha.